ISSN: 2358-8829

MITOS ANDINOS: A ANÁLISE DE UMA LITERATURA GÓTICA ANDINA NO CONTO *EL MUNDO DE ARRIBA Y EL MUNDO DE ABAJO* DE MÓNICA OJEDA

Fabianne Oliveira de Freitas [1]
Luísa Silva de Queiroz [2]

INTRODUÇÃO

Um dos principais questionamentos diante da perspectiva da literatura cânone, lida nos últimos milênios, com enfoque em fatores epistemológicos de um ser humano feito unicamente de princípios universais, retira de cena a possibilidade de propagação de uma literatura que não seja totalmente alinhada ao pensamento eurocêntrico, espaço onde o arquétipo do homem branco ainda ocupa modelo de referência. Deixando de lado as contribuições dos povos marginalizados e os aparatos de culturas que são consideradas subalternas a esta opressão, onde os povos originários, as mulheres, negros, amarelos e pardos, por sua vez, tambem ocupam espaço secundário de fala e ação antropológica.

Em contrapartida, a decolonialidade, nascida de um conjunto de práticas e fundamentos teóricos que questionam a dominância dos saberes universais, surge como um meio de resistência aos pressionamentos feitos pelo sujeito colonizador e sua imposição de seus valores e princípios, que foram e ainda continuam persistindo sobre raízes há muito tempo estabelecidas na cultura não ocidental. Esta resistência está cada dia mais viva nas manifestações de arte como a música, repertório teatral e televisivo, cultural e sobretudo, na literatura, este último tendo enfoque principal para o nosso estudo.

Desta forma, o presente trabalho foca em responder: de que maneira reviver os mitos ancestrais andinos permite, a autoras como Mónica Ojeda, deslocar o gênero

[1] Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fabiannefreitas24@gmail.com;
[2] Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luisasilva07@outlook.com;

Gótico das suas raízes eurocêntricas para uma identidade literária propriamente latino-americana e feminina?

Para responder a esta pergunta, temos foco em investigar o surgimento deste novo gênero literário denominado Gótico Andino, subtipo do gênero Gótico Latino, e em como ele tem se comportado nas obras literárias contemporâneas produzidas nestas últimas décadas. Para isso, iremos analisar os mitos da cultura andina presentes no conto *El mundo de arriba y el mundo de abajo* do livro *Las Voladoras* (2020), traduzido em português para *O mundo de cima e o mundo de baixo* e *Voladoras* (2023), respectivamente, da escritora equatoriana Mónica Ojeda, nome de destaque desta vertente literária. Vamos, ainda, trazer uma importante conscientização quanto a necessidade do reconhecimento da literatura latina e dos nomes femininos que hoje permeiam esta modalidade literária, citando suas contribuições que abrem caminhos para que mais mulheres possam lutar contra a colonialidade persistente em um cenário opressor apesar de tão atual.

A justificativa deste trabalho está na necessidade de ampliar o conhecimento sobre a literatura latino-americana e em como o debate sobre a decolonização, no âmbito da literatura, pode proporcionar uma quebra de visão de que apenas a literatura cânone consegue expressar a subjetividade do indivíduo diante da sua totalidade. A importância deste estudo também marca a necessidade de reconhecimento da escrita feminina como válida, no âmbito das autorias femininas do gênero Gótico Latino, vertente a qual Ojeda está situada.

No mais, buscamos também tornar relevante a apreciação de novas vertentes literárias que estão surgindo na contemporaneidade, a exemplo do Gótico Andino, que é foco de investigação desta pesquisa e que configura uma reelaboração do gênero gótico. Formado a partir das referências culturais, mitológicas e simbólicas da região andina, incorporando elementos da cosmovisão, filosofia e crenças dos povos indígenas que habitam a cadeia da Cordilheira dos Andes há mais de 14.000 anos, aproximadamente.

Através da análise e dos temas explorados, chegamos ao resultado de que se é possível pensar em uma expressão literária contemporânea, onde o Gótico, como gênero já há muito tempo estabelecido, consegue se integrar nos eixos contemporâneos, como modo de representação do outro, do indígena, da mulher e dos povos silenciados. Em suma, *El mundo de arriba y el mundo de abajo é um* conto permeado, do início ao fim, por uma intertextualidade de forte impressão da cultura dos povos andinos, e que

ISSN: 2358-8829

consegue destacar, na sua formação, como as crenças capturam a alteridade, o medo e o inalcançável, através de uma escrita neogótica, capaz de resgatar uma cultura que poderia passar despercebida por novos leitores da literatura do nosso tempo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, uma vez que busca interpretar fenômenos de natureza cultural presentes no texto literário, sem a utilização de dados estatísticos, mas sim a partir da compreensão de sentidos, conforme propõe Gil (2021). Esse tipo de abordagem permite uma análise aprofundada das relações entre literatura, mitologia e decolonialidade, aspectos esses centrais deste estudo. Quanto à natureza, a pesquisa é descritivo-interpretativa, pois visa descrever e interpretar como os elementos da mitologia andina e da perspectiva decolonial se manifestam no conto *O mundo de cima e o mundo de baixo*. Esse tipo de investigação foi necessária para o estudo, pois permitiu analisar fenômenos discursivos e culturais a partir de seus contextos de produção.

O corpus da pesquisa é composto pelo conto *O mundo de cima e o mundo de baixo*, presente na obra *Voladoras* (2023), de Mónica Ojeda. A escolha do texto se justifica por sua relevância dentro do chamado Gótico Andino e pela presença significativa de elementos mitológicos e simbólicos da cultura andina. Como procedimento de análise, será realizada uma análise textual de cunho interpretativo, considerando categorias como: os elementos do gótico latino-americano e o surgimento do Gótico Andino; a presença de mitos andinos; e a construção de uma perspectiva decolonial e feminina na narrativa; as quais estarão entrelaçadas e sem ordem específica no texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando o pressuposto, este presente trabalho foca na análise do conto *O mundo de cima e o mundo de baixo* a partir dos três elementos de investigação citados no ponto anterior. Para a proficiência da pesquisa, utilizou-se, inicialmente, as contribuições de Souza Filho (2024), cujas reflexões e referências bibliográficas trazidas em sua análise do mesmo conto, foram de extrema importância para o

ISSN: 2358-8829

andamento desta pesquisa. Além disso, nos respaldamos na contribuição dos trabalhos de Sá (2019) e Hurtado (2023), que discutem as manifestações do gótico latino-americano contemporâneo; como também de Mignolo (2003), cuja teoria da Decolonialidade contribuiu para compreender processos de resistência ao eurocentrismo.

Para uma interpretação consciente dos mitos andinos que envolvem a estrutura do conto, explorando, sobretudo, como a cosmovisão e a filosofia dos povos originários dos Andes influenciaram na escrita de Ojeda, recorreu-se a Estermann (2021), que discute os fundamentos filosóficos da visão de mundo andina, assim como Tavares (2013), com sua abordagem dos aspectos culturais e simbólicos das tradições andinas a partir de uma releitura dos estudos de Estermann.

Por fim, temos a consideração da análise sobre consciência e valorização da autoria feminina no contexto do Gótico Latino. Nesse sentido, dialogamos com reflexões presentes em textos críticos e em entrevistas da própria Ojeda sobre a complexidade do aspecto feminino na sua obra, bem como retomamos os estudos de Hurtado (2023), que destacam a importância da presença de escritoras na reformulação contemporânea do gênero, ampliando seus temas, perspectivas e estratégias narrativas.

O GÊNERO GÓTICO LATINO E ANÁLISE DO CONTO *O MUNDO DE CIMA E O MUNDO DE BAIXO*

Na área de estudos dos novos gêneros literários, em especial dos contemporâneos, é preciso ter em mente uma visão decolonial daquilo que a antiga crítica literária não levou em consideração: a visibilidade de uma literatura pós-colonial. O emprego de práticas que podem desconstruir o impacto da colonização nas diversas áreas do saber é o que se define por decolonialidade. Um pensamento liminar que tem urgência em trazer à tona os saberes subalternos, os quais por muito tempo foram ofuscados pelo impacto da colonização europeia em países não ocidentais, neste caso, “descobertos” graças às expansões e expedições marítimas, sobretudo de cunho religiosas e culturais.

O conhecimento pré-estabelecido pelos povos originários por muito tempo sofreu impactos de violação e cassação, não diferentemente seria pensar na história de países da América do Sul, como o Brasil e dentre outros, que perderam por muito pouco

o seu alicerce para dar lugar a um padrão planetário onde o ser europeu é o centro de conhecimento e referência, bem como aponta Mignolo (2003):

> "Uma das principais preocupações desses acadêmicos é com o conhecimento: o ocidentalismo — como afirmei — como o imaginário dominante do sistema mundial moderno foi uma máquina poderosa para subalternizar o conhecimento (dos primeiros missionários da Renascença aos filósofos do Iluminismo) estabelecendo, ao mesmo tempo, um padrão epistemológico planetário" (Mignolo, 2003, p. 92).

Assim sendo, o gênero Gótico, nascido na Europa e possuidor de raízes do Romantismo, sofreu diversas adaptações para que pudesse ser incorporado nas obras de autores latinos, criando assim um subgênero capaz de incorporar o sobrenatural e retratar a alteridade humana no âmbito da cultura latina. Este mesmo gênero, fluído e múltiplo, que por si só não consegue ser nomeado apenas por aquilo que aparenta ser, envolve o olhar de um mundo envolto pelo desconhecido, retratando os dilemas humanos que não podem e não se devem ser ditos com clareza, mas com alegorização de significados, permeados por narrativas que trazem inquietações humanas quanto ao seu fim, sua relação com a veracidade da natureza e também com a violência, seja ela carnal ou simbólica (Sá, 2019, p. 13).

O Gótico, no contemporâneo, é muitas vezes renomeado como Neogótico pela sua releitura do ser humano moderno em situações de conflitos com o espaço em que está inserido, espaços esses muitas vezes urbanos, onde temas como pressão social, traumas e questão de pertencimento no mundo constituem um horror psicológico e subjetivo, não mais ligados apenas ao horror sobrenatural dos seres isolados nos castelos góticos da Renascença. Em suma, podemos considerá-lo um gênero que se transmuta em diversos temas e espaços específicos através da história, o que acabou por contribuir para o surgimento de outras vertentes, como por si só o Latino.

O gênero Gótico Latino, hoje, está envolto pela predominância das contribuições de autorias femininas. Das quais, através da retomada de temas populares em suas obras, conseguem trazer diferentes abordagens literárias que vão depender de um leitor mais complexo para compreensão do horror e do terrível em narrativas locais. Essas estratégias narrativas promovem um espaço para renovar as velhas ideias que, nesse contexto, podem explorar a transmutação do gótico para uma modernização do

fantástico nas demais classes sociais antes deixadas à margem. Trata-se de uma prática que permeia uma tradição da construção do gênero Gótico Latino, como bem explica Hurtado (2023):

> "Embora não se trate de uma nova corrente – elas fazem parte, antes, de uma tradição de autoras como María Luisa Bombal, Amparo Dávila, Alejandra Pizarnik, Elena Garro, Guadalupe Dueñas, Adela Fernández, entre muitas outras –, é importante destacar o trabalho que essas narradoras recentes estão realizando em relação à vertente específica do neogótico e do novo horror, para, por um lado, refletir sobre a identidade, a migração, a transculturação, as ditaduras, as maternidades, a devastação ecológica, entre muitos outros temas; e, por outro lado, mostrar um uso da linguagem, da imaginação e da escrita que dá conta de uma geração promissora que deixará uma marca notável nas letras latino-americanas." (Hurtado, 2023, p. 19-20, tradução nossa).

Portanto, e baseando-se nas explorações vistas deste gênero, chegamos ao conto *O mundo de cima e o mundo de baixo,* onde acompanhamos a narrativa de Pedro, um pai devastado pela morte de sua filha Gabriela e, posteriormente, de sua esposa. Consumido pelo luto, ele tenta trazer a filha de volta à vida por meio de rituais e de escrita, em meio a um conjuro capaz de unir o *mundo superior (Hanan Pacha)* e o *mundo inferior (Uku Pacha)*.

Diante da cosmovisão presente na cultura inca, como explica Estermann (2021), o conceito da palavra "pacha" vai além das meras definições, simbolizando, para estes povos, um significado de "universo ordenado em categorias espaço-temporais', mas não simplesmente como algo físico e astronômico" (Estermann, 2021, p. 135, tradução nossa). Estas unidades de espaço-tempo são muito bem exploradas no conto, uma vez que o protagonista, Pedro, busca radicalizar as convenções de suas crenças em busca do propósito de reviver a filha, mesmo que se mostre bem claro seu distanciamento com os indígenas locais quando diz "Ao longe, os índios da aldeia olharam desconfiados para nossa casa" (Ojeda, 2023, p. 112). Implica-se com isso a formação de uma família de latifundiários, sem descrição exata de suas origens, em terras indígenas que não compartilham da mesma relação de correspondência espiritual. E estando devastado pela perda, Pedro se revolta contra aquilo que lhe é enraizado: "Rompo a lei natural: impeço que seu espírito alcance o mundo dos mortos. Eu me rebelo contra os deuses porque fui despojado, e não há nada mais miserável do que um homem despojado"

ISSN: 2358-8829

(Ojeda, 2023, p. 112).

Estes elementos são explicados por Estermann (2021) ao demonstrar como o conceito de *Pacha,* na cosmovisão andina, por ser "aquilo que é", ordena-se com todos os elementos espirituais, não em espaços físicos e concretos, mas baseados na própria formação da existência:

> *"Pacha* é a base comum dos diferentes estratos da realidade que, para o *runa* (pessoa humana), são basicamente três: *Hanaq pacha, kay pacha e uray (ou ukhu) pacha*. No entanto, não se trata de "mundos" ou "estratos" totalmente distintos, mas de aspectos ou "espaços" de uma mesma realidade (*pacha*) inter-relacionada. Talvez seja oportuno traduzir o vocábulo *pacha* pela característica fundamental da racionalidade andina: "relacionalidade". Tempo, espaço, ordem e estratificação são elementos imprescindíveis para a relacionalidade do todo." (Estermann, 2021, p. 135, tradução nossa).

Pedro quebra essa relacionalidade. O ponto que ordena os cosmos, impedindo que sua filha encontre o fim através do início. E durante a narrativa, acompanhamos os procedimentos do conjuro, que vão desde a ação de esperar que a imagem de Gabriela se incorpore no corpo em decomposição de sua falecida esposa deitada na cama, até a missão de levar a filha revivida ao topo do vulcão. A escolha é egoísta, mas movida por um amor fraterno que é capaz de desobedecer a ordem dos cosmos, como bem implica o personagem em seus lamentos contra o luto prematuro: "Penas negras cobriram o páramo, penas como tições, e eu disse ao nada com os joelhos sangrando no chão: "Não é normal um pai sobreviver à filha. Não é lógico que um grão de areia pese o mesmo que uma pena" (Ojeda, 2023, p. 112).

No entanto, essa desobediência diante dos comos e do poder exercido das divindades, trazem consequências trágicas. Gabriela renasce, mas seu espírito não retorna totalmente do mundo inferior, e diante de uma casca em decomposição que é o seu corpo, seu pai observa seu renascimento impuro: "Gabriela mal se mexe. Seu pulso é arrítmico; sua respiração, entrecortada. Seus olhos muitas vezes se perdem na planície e dentro de sua cabeça. Então um olhar branco e lunar como as pedras de seu túmulo é talhado em seu rosto: um olhar que me mostra a verdadeira profundidade do mundo de baixo" (Ojeda, 2023, p. 117). Ele bem reconhece sua façanha ao desbravar a relacionalidade com os que morrem e não devem mais voltar ao mundo terreno (kay pacha): "O *Uku Pacha*, o lugar de onde arranquei sua sombra [...] O cheiro de sua carne

ISSN: 2358-8829

é forte, mas fortes são as gramíneas e as marcas que as antas deixam sobre a terra. Forte é o amor de um pai que a cobre do frio de sua própria morte" (Ojeda, 2023, p. 117-118).

Nos encontramos, assim, diante de uma noção de pensamento que se difere por completo da construção ocidental daquilo que entendemos por relação com o divino em um complexo metafísico. Tavares (2013) explica alguns conceitos trazidos por Estermann, uma vez que é preciso reconhecer a cosmovisão andina como um processo constante de relação entre os mundos e os seres:

> "A filosofia andina, contrariamente à filosofia ocidental, parte de uma concepção não dualista da realidade. Os princípios da relacionalidade, da complementaridade, da correspondência e da reciprocidade estão na base de todo o pensamento andino. Assim, não existe cisão entre o divino e o humano, entre o vivo e o inerte, entre o céu e a terra ou entre o religioso e o profano. Há uma complementaridade essencial entre tudo o que existe, nada pode ser separado da totalidade e este holismo constitui um princípio de vida: "[...] não há vida de uma forma isolada, mas apenas por meio de uma rede de relações complementares" (Estermann, 2008, p. 32 apud Tavares, 2013, p. 224)."

A busca incessante por Pedro de reconectar-se com sua filha rompe com as barreiras do que vimos como completariedade de uma filosofia que tem primazia pela estabilização da vida em relação aos fatores cósmicos. Impossibilitado de nada mais fazer além de levar Gabriela ao topo do vulcão para resgatá-la do seu estado vegetativo, ele percorre uma longa jornada que o põe frente a frente com a geografia destrutiva do ecossistema (páramo) e os indígenas, que, durante as paradas no percurso da subida, condenam sua decisão de "brincar como xamã" e desafiar as leis estabelecidas: "Pedro, venho te dizer o importante", disse, apontando o dedo calejado para mim. "Não és um xamã, mas um homem. E não existem palavras neste mundo com paixão suficiente para ressuscitar um morto." (Ojeda, 2023, p. 127).

O resultado final não poderia deixar de ser mais destrutivo: apesar dos esforços e tentativas de reviver Gabriela, o desfecho do ritual se encontra no topo da montanha, na magnitude do vulcão e o clima gelado severo. Pedro enfim se rende a consequência do que fez, reflexivo sobre como a dor que sente o condena: "Não poderá ser, me perdoa", sussurro para ela, chorando sobre a neve [...] "Me perdoa." Gabriela não me devolve o olhar, mas há uma semente de árvore em seus olhos lunares. Beijo sua testa. Escrevo:

ISSN: 2358-8829

Delicadamente ela fecha a mão em torno do beija-flor e cai, inerte, sobre a neve. E Gabriela desaba como um corpo morto.” (Ojeda, 2023, p. 130).

Em vista disso, podemos, com clareza, identificar os elementos geográficos e cósmicos que permeiam o gênero Gótico neste conto, trazendo ampliações de como sua forma se difunde em diversos contextos, ao ponto de morfar-se nas entrelinhas das produções literárias. A alteridade da subjetividade humana vivida por Pedro e o seu encontro com questões decisivos do ser e da morte que permeiam os Andes, é o que se nomeia como Gótico Andino, como sua forma de aparência, em meio às intrigantes situações sem explicação experimentadas pelos personagens neogóticos do nosso tempo. Desta forma, é importante destacar como Ojeda articula esses elementos de visão de mundo, sempre levando em consideração a recepção de um leitor adequado às temáticas tão fortes, assim como aponta Hurtado ao afirmar que estas representam explorações do terrivel, do medo e do sofrimento humano diante do desconhecido (Hurtado, 2023, p. 17, tradução nossa).

No mais, faz-se ainda uma ressalva importante para o escopo feminino em questão, de tal forma que as produções literárias femininas deste meio continuem sendo apreciadas, em uma busca constante por retratar as práticas decoloniais já citadas anteriormente. Esta é uma questão de importância, e sobretudo destacada pela própria Ojeda quando afirma seu papel de escritora contemporânea e a completude da literatura sobre a condição humana, destacada em uma fala concebida em uma entrevista para a jornalista Carolina Cassese do portal Culturadoria: “A literatura e a arte em geral nos tornam sensíveis [...] Elas nos revivem: restabelecem o olhar, a escuta e o toque nesta terra. Convidam-nos a mudar a gramática do nosso pensamento quando este se tornou obsoleto e violento, insensível e indolente. A arte faz tudo isso e muito mais: lembra-nos que estamos vivos e que a vida não é útil, simplesmente é. E que já existe um valor intrínseco nela” (Ojeda, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante tantas explorações, podemos ter em mente que essa vertente não só é somente um diálogo entre o passado e o futuro, como também é uma força contra o silenciamento sofrido pelos povos latinos desde a colonização, contribuindo, como um todo, para deslocar o gênero Gótico de seu eixo eurocêntrico e produzir novas formas de

representação do horror, do sobrenatural e do corpo. O estudo foi singular, como um todo, por trazer concepções dos mitos dos povos originários dos Andes, sobretudo na forma como Ojeda os articula para criar uma ficção de singularidade ancestral, cultural e também humana. Os esforços de Pedro para além das convicções é sinônimo de luta diante do inevitável, contra a pulsão sem esperança que muitas vezes é a morte encarnada.

Por fim, esperamos que a obra de Ojeda sofra um impulsionamento para que continue sendo divulgada e posteriormente estudada em outros futuros trabalhos das áreas literárias, pois seus escritos são capazes de dialogar diretamente com mitos ancestrais, questões de gênero, violência e memória cultural, configurando um espaço literário no qual tradição e contemporaneidade se entrelaçam em uma dança plural.

Palavras-chave: Decolonialidade, Gótico Andino, Mitologia Andina, Literatura latino-americana, Escrita Feminina.

AGRADECIMENTOS

Eu, Fabianne Oliveira, dedico este trabalho à minha companheira, Maria Eduarda, que por sempre me apoiou e me permitiu continuar tendo esperanças para levar essa pesquisa adiante. Obrigada, meu amor, pelo seu carinho e encorajamento, inigualáveis, a você, dedico.

REFERÊNCIAS

ESTERMANN, Josef. **Filosofía intercultural/Filosofía andina: una antología.** Barcelona: Edición digital, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

HURTADO, B. R. Estudio introductorio. **Horror y escritura en voces femeninas de Latinoamérica**. *In:* HURTADO, B. R. (coord.). Neogótico latinoamericano en la literatura escrita por mujeres: Estudios críticos de obras representativas del siglo XXI. Coyoacán: Editora Nómada Sciolibris, 2023.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

OJEDA, Mónica. **O mundo de cima e o mundo de baixo.** *In:* OJEDA, Mónica.

Voladoras. Tradução de Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.

OJEDA, Mónica. **Voladoras.** Tradução de Silvia Massimini Felix. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.

OJEDA, Mónica. Entrevista concedida a Carolina Cassese. **Mónica Ojeda: entre o real e o horror.** Culturadoria, 13 jun. 2024. Disponível em: https://culturadoria.com.br/ojeda/. Acesso em: 18 mar. 2026.

SÁ, D. S. de. **Por uma cartografia do Gótico: teoria, crítica, prática.** In: SÁ, D. S. de. (org.). O Gótico em Literatura, Artes, Mídia. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2019.

SOUZA FILHO, Moacir Marcos de. **O mundo liminar: gótico decolonial em El mundo de arriba y el mundo de abajo, de Mónica Ojeda.** Ilha do Desterro, Florianópolis, v. 77, p. 1–16, 2024.

TAVARES, Manuel. **A filosofia andina: uma interpelação ao pensamento ocidental. Colonialismo, colonialidade e descolonização para uma interdiversidade de saberes (J. Estermann)**. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, n. 32, p. 197–252, set./dez. 2013.